

CADERNO

Fé e Cultura

Edição 19
27 de março de 2024

ESPECIAL DE PÁSCOA



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.



Arte: Sergio Ricciuto Conte



Páscoa: a celebração de um mistério de amor

Núcleo Fé e Cultura

Um livro sobre a vida de Cristo, escrito por Luigi Giussani, traz o título provocativo de *Na origem da pretensão cristã* (São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012). O autor quis evidenciar justamente a distância entre nossa visão cotidiana do Cristianismo e aquilo que é a essência de sua doutrina. Já é humanamente impensável que um Ser infinito, eterno e todo-poderoso aceitasse se restringir à forma humana. Mais absurdo ainda que esse Ser, tendo vindo ao mundo, se despojasse de seu poder e aceitasse uma morte humilhante e abjeta numa cruz... E ainda mais: fazer isso por amor a nós, que comparados a Ele não passamos de seres ínfimos, frequentemente dados ao mal, que levamos a dor e o sofrimento a nossos irmãos e a destruição a toda a criação. Mas justamente essa é a “pretensão” da mensagem cristã.

A doação de Deus na cruz é um escândalo, de certa forma, inimaginável e inadmissível para nós, mas só reconhecemos a natureza do anúncio cristão, com sua devida dimensão, quando aceitamos essa pretensão aparentemente absurda do Cristia-

O drama do Cristianismo em nossa sociedade é que todos imaginam conhecê-lo, porém, poucos o conhecem de fato. Na verdade, o que vemos com mais frequência é um conjunto de tradições mais ou menos originadas da fé cristã, mas que representam leituras particulares do Cristianismo, feitas a partir de diferentes matrizes culturais e ideológicas. Assim, todos acreditam que conhecem a mensagem cristã, mas, na verdade, conhecem apenas uma versão deturpada daquilo que ela realmente é.

nismo. A fé não se contrapõe nem abdica da razão, mas exige que esta dê um passo adiante, aceite o risco de verificar se algo que transcende os limites do pensar humano pode ser real. Não deveria ser algo estranho para nós, gente que vive em um mundo de ciência. Afinal, também não nos parece imediatamente óbvio que a Terra é redonda, que a pedra e a pluma sofrem a mesma aceleração da gravidade, que existem milhares de estrelas no universo, muitas com sistemas planetários como os nossos em volta – e tantas outras maravilhas que a ciência nos mostra e que parecem desafiar nossa lógica.

Sabendo que havia criado seres

passíveis de sofrimento, Deus escolheu, também Ele, sofrer para mostrar que a dor e a morte não eram a última palavra da vida. O povo simples reconhece isso e muitas vezes certas manifestações religiosas parecem catarses, nas quais se libera a dor e o sofrimento que vão no coração do fiel. Em si, não é um erro, mas somente mais um momento em que Deus envolve o ser humano com sua ternura... Muitas vezes, porém, uma certa arrogância moderna, uma certa negação da dor como dimensão inerente à nossa natureza, nos afasta dos gestos litúrgicos e da beleza profundamente humana desses momentos.

Deus não precisa de nossas ce-

lebrações, nossos cultos e ofertas – mas sabe que nós precisamos celebrar, cultivar e oferecer para nos relacionarmos com Ele. As liturgias da Igreja são ocasião para que nós, seres materiais, dependentes dos sinais do mundo material, possamos nos aproximar do Inefável, ter um vislumbre daquilo que ultrapassa nossa compreensão. Assim, ao longo do Tríduo Pascal, que vai da Quinta-feira à noite do Sábado Santo, nós, seres humanos, temos a chance de mergulhar no mistério do Amor que, não bastasse ter criado todo o universo, liberta o ser humano da morte, aniquilando-se a Si mesmo.

É nesta perspectiva que tratamos nesta edição especial do Caderno Fé e Cultura sobre a Páscoa cristã. Eis o mistério da fé: a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo que celebramos nestes dias: “A Páscoa não é simplesmente uma festa entre outras: é a ‘festa das festas’, a ‘solenidade das solenidades’ (...) O mistério da Ressurreição, em que Cristo aniquilou a morte, penetra no nosso velho tempo com a sua poderosa energia, até que tudo Lhe seja submetido” (*Catecismo da Igreja Católica* - CIC 1169).

Por Cristo, com Cristo e em Cristo nos passos da Salvação

Daniel Gomes
e Fernando Geronazzo

Com a celebração do Domingo de Ramos, no dia 24, os católicos iniciaram a Semana Santa, também conhecida como a “Grande Semana” ou “Semana Maior”, por ser considerada a mais importante do ano pelos cris-

tãos. Nela, celebra-se o mistério salvífico de Jesus, a partir do qual toda realidade humana adquire sentido pleno e para o qual converge todo o ano litúrgico.

Como destaca o *Catecismo da*

Igreja Católica (CIC), “o mistério pascal da cruz e Ressurreição de Cristo está no centro da Boa-Nova que os Apóstolos, e, depois deles, a Igreja, devem anunciar ao mundo” (CIC 571).

O jornal O SÃO PAULO detalha nas páginas a seguir o significado das principais celebrações da Semana Santa, com destaque para o Sagrado Tríduo da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus.

Domingo de Ramos

Oficialmente denominado Domingo de Ramos da Paixão do Senhor, essa celebração recorda dois momentos marcantes da vida de Jesus: sua entrada solene em Jerusalém e sua Paixão. A liturgia prevê a bênção dos ramos e uma procissão nas ruas ou no interior da igreja, enquanto o relato da Paixão segundo um dos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) é proclamado durante a missa.

Há uma razão histórica para a proclamação desses dois relatos dos evangelhos. Nos primeiros séculos, não havia a celebração do Tríduo Pascal e, por isso, não era costu-

Muitos estenderam seus mantos pelo caminho, outros espalharam ramos que haviam apanhado nos campos. Os que iam na frente e os que vinham atrás gritavam: “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito seja o reino que vem, o reino de nosso pai Davi! Hosana no mais alto dos céus!” (Mc 11,8-10).

me celebrar a Paixão do Senhor na sexta-feira antes da Páscoa. Por esse motivo, no domingo anterior à Páscoa, recordava-se a morte de Cristo para, na semana seguinte, os fiéis celebrarem sua Ressurreição. Mesmo após a instituição do Trí-

duo Pascal, manteve-se essa tradição litúrgica, sobretudo para que os fiéis impossibilitados de celebrar o Tríduo – como em países de minoria cristã – possam vivenciar liturgicamente o mistério da Paixão. Além disso, a recordação desses dois mo-

mentos convida a que se medite sobre o possível fato de que a multidão que aclama Jesus como o “Filho de Davi” pode ser a mesma que grita “Crucifica-o” dias depois.

A liturgia dos demais dias da Semana Santa ressalta momentos que antecedem a Paixão do Senhor, entre os quais a cena da mulher que lava os pés de Jesus com perfume (na segunda-feira); o anúncio da Sua própria morte, causando sofrimento aos discípulos (na terça-feira); e a traição de Judas, que se dirige aos chefes dos sacerdotes e se oferece para entregar Jesus (na quarta-feira).

Missa do Crisma

Na manhã da Quinta-feira Santa, acontece a **Missa do Crisma**, assim chamada porque nela são abençoados os óleos usados nos sacramentos do Batismo e Unção dos Enfermos e é consagrado o óleo do Crisma, utilizado nos sacramentos do Batismo, Confirmação, nas ordenações sacerdotais e episcopais, além das dedicações de altares e templos. Também nesta celebração, os padres renovam suas promessas sacerdotais diante do bispo ou do arcebispo, por ocasião da recordação da instituição do sacerdócio.

Essa missa é considerada uma das principais manifestações da plenitude do sacerdócio do bispo e sinal da íntima união dos presbíteros com ele.

Em algumas dioceses, especialmente no interior, essa celebração acontece na quarta-feira à noite ou mesmo nos dias anteriores, para que os padres possam se deslocar à catedral e retornar às suas paróquias a tempo de celebrar o Tríduo Pascal.

OS ÓLEOS

A origem do uso dos óleos nos sacramentos é bíblica, com referências a cada um deles na tradição e no magistério da Igreja. Antes do Concílio Vaticano II, o óleo usado nos sacramentos devia ser exclusivamente o azeite de oliva. Mas, considerando a dificuldade de se conseguir a matéria prima em algumas localidades, São Paulo VI ouviu o pedido de numerosos bispos e permitiu a adoção de outro tipo de óleo, “o qual, todavia, deve ser extraído de plantas, enquanto é mais semelhante à matéria designada na Sagrada Escritura”, segundo definiu na constituição apostólica *Sacram Unctionem Infirmorum* – sobre o Sacramento da Unção dos Enfermos.

- ✓ **O Óleo dos Catecúmenos** é utilizado no sacramento do Batismo, quando é ungido o peito de quem é batizado;
- ✓ **O Óleo dos Enfermos** é conferido àqueles que estão doentes ou em perigo de vida, unguindo-os na frente e nas mãos;
- ✓ **O Óleo do Crisma** é consagrado durante a celebração e conferido exclusivamente pelo bispo. Durante a consagração, é misturado bálsamo a



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Naquele tempo, Jesus foi à cidade de Nazaré, onde se tinha criado. Conforme seu costume, entrou na sinagoga no sábado e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus achou a passagem em que está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção para anunciar a Boa-nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos cativos, e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor”. Depois, fechou o livro, entregou-o ao ajudante e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir” (Lc 4,16-21)

este óleo, o que lhe confere um cheiro agradável. Também há o sopro do bispo, como sinal do Espírito Santo;

- O Pontifical Romano ensina que “é com o Santo Crisma consagrado pelo bispo que os recém-batizados são ungidos e que os confirmados são marcados”. Assim, após receber a água do Batismo, é feita a unção pós-batismal com óleo do Crisma, cuja oração pede que o Espírito Santo consagre aqueles novos cristãos com o óleo santo “para que

participem da missão do Cristo, Sacerdote, Profeta e Rei; e sigam os passos de Jesus, permanecendo no seu povo até a vida eterna”.

- Também são ungidos com o óleo consagrado:
- Aqueles que recebem o sacramento da Crisma, conferido enquanto o ministro traça o sinal da cruz sobre a frente do crismando e pronuncia as palavras da fórmula;
- Os ministros ordenados, sendo os presbíteros nas mãos e os bispos na cabeça.

Tríduo Pascal

Desde o início do Cristianismo, todo domingo é dia privilegiado para a celebração da Páscoa da Ressurreição do Senhor. A partir do século II, os cristãos passaram a realizar uma celebração anual maior, inspirados na celebração judaica da Páscoa e, em torno disso, desenvolveu-se o Tríduo Pascal.

MISSA DA CEIA DO SENHOR

Na última Ceia, o Senhor **instituiu a Eucaristia** ao oferecer o Seu Corpo e o Seu Sangue – sob as espécies do Pão e do Vinho – e, também, o Sacerdócio. “Jesus incluiu os Apóstolos na sua própria oferenda e pediu-lhes que a perpetuassem. Desse modo, instituiu os Apóstolos como sacerdotes da Nova Aliança: ‘Eu consagro-me por eles, para que também eles sejam consagrados na verdade’ (Jo 17,19)” (CIC 611).

E o sacerdócio instituído por Cristo inclui a dimensão do serviço ao próximo, pois o próprio Mestre deu o exemplo **com o rito do lava-pés**. Era costume que os servos do dono da casa lavassem os pés dos convidados quando estes chegavam. Jesus, porém, o faz no final da ceia não simplesmente como uma hospitalidade comum, mas ligando-o com uma atitude que deve nos acompanhar quando celebramos a Eucaristia: Jesus pôs a água na bacia e começou a lavar os pés dos apóstolos. No final deste gesto, Ele ex-

O Tríduo Pascal é como se fosse uma única celebração, em três dias, por meio da qual se torna presente a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. É iniciado Quinta-feira Santa, com a Missa Vespertina da Ceia do Senhor. “Jesus fez desta última Ceia com os Apóstolos o memorial

da sua oblação voluntária ao Pai para a salvação dos homens: ‘Isto é o meu Corpo, que vai ser entregue por vós’ (Lc 22,19). ‘Isto é o meu ‘Sangue da Aliança’, que vai ser derramado por uma multidão, para remissão dos pecados’ (Mt 26,28)” (CIC 610).



plica: “Se eu lavei os pés de vocês, também vocês devem lavar os pés uns dos outros. Façam isto lembrando de mim [‘Eis que lhes dei o exemplo, para que, como eu fiz, vocês também o façam’ (Jo 13,15)].” Lavar os pés era um gesto simbólico naquele momento, pois significava uma atitude de colocar-se a

Depois de ter lavado os pés dos discípulos, Jesus vestiu o manto e sentou-se de novo. E disse aos discípulos: “Compreendeis o que acabo de fazer? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, pois eu o sou. Portanto, se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo, para que façais a mesma coisa que eu fiz”. (Jo 13,12-15)

serviço uns dos outros, de verdadeira fraternidade, de solicitude, de cuidado uns com os outros.

Ao término da missa, é feita a transladação do Santíssimo Sacramento para um lugar preparado, a fim de serem adoradas e conservadas as partículas consagradas para a co-



Fots: Luciney Martins/O SÃO PAULO

munhão da Sexta-feira Santa. O altar é desnudado e todos os adornos do presbitério são retirados.

Recordando a agonia e a oração do Senhor no monte das Oliveiras, os fiéis assumem a atitude de vigília e oração que Cristo pediu aos apóstolos (cf. Lc 22,39-46).

PAIXÃO DO SENHOR

A Sexta-feira Santa é o dia dedicado à memória da Paixão e Morte do Senhor. O silêncio, o jejum e a oração marcam este dia, o único do ano em que não é celebrada a missa, mas a Ação Litúrgica da Paixão do Senhor, às 15h, horário em que o Cristo foi morto.

“A morte de Cristo é, ao mesmo tempo, o sacrifício pascal que realiza a redenção definitiva dos homens por meio do ‘Cordeiro que tira o pecado do mundo’, e o sacrifício da Nova Aliança que restabelece a comunhão entre o homem e Deus, reconciliando-o com Ele pelo ‘sangue derramado pela multidão, para a remissão dos pecados’” (CIC 613).

Essa liturgia é iniciada em profundo silêncio. Quem a preside, prostra-se diante do altar desnudado, enquanto a assembleia de fiéis se ajoelha, simbolizando a coparticipação no sofrimento do Senhor e a humilhação do homem terreno. Na liturgia, é proclamada a narrativa da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo o Evangelho de João (Jo 18,1-19,42), que apresenta em detalhes o drama da morte de Cristo.

Nesta celebração também ocorre a Oração Universal, após a homilia, em que são dirigidas preces a Deus pela Santa Igreja, pelo Papa, por todas as ordens e categorias de fiéis, pelos catecúmenos, pelos que creem no Cristo, pelos judeus (aos quais o Senhor Deus falou em primeiro lugar), pelos que não creem no Cristo, pelos que não reconhecem a Deus, pelos gover-

Ei-lo, o meu Servo será bem-sucedido; sua ascensão será ao mais alto grau. Assim como muitos ficaram pasmados ao vê-lo – tão desfigurado ele estava que não parecia ser um homem ou ter aspecto humano –, do mesmo modo Ele espalhará sua fama entre os povos. Diante Dele, os reis se manterão em silêncio, vendo algo que nunca lhes foi narrado e conhecendo coisas que jamais ouviram. Quem de nós deu crédito ao que ouvimos? E a quem foi dado reconhecer a força do Senhor? (Is 52,13-53,1)



nantes e pelos que sofrem provações.

Um dos momentos centrais é a **Adoração à Santa Cruz**, uma tradição iniciada por volta do século IV, quando se venerava a Cruz em que Cristo foi crucificado, a qual estava conservada em Jerusalém. A cruz, revestida com um pano vermelho, é solenemente apresentada à comunidade e, posteriormente, desnudada pelo presidente da ação litúrgica. Depois, é colocada à frente do presbitério para a veneração dos fiéis, que podem tocá-la e beijá-la. O Catecismo da Igreja Católica ensina que “a cruz é o único sacrifício de Cristo, mediador único entre Deus e os homens, mas porque, na sua pessoa divina encarnada, ‘Ele Se uniu, de certo modo, a cada homem’, ‘a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um modo só de Deus conhecido’. Convida os discípulos a tomarem a sua cruz e a segui-Lo porque sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos” (CIC 618).

E ainda que não se celebre a Eucaristia neste dia, posto que todo o ato é dedicado ao memorial da Paixão e Morte de Jesus, é feita a comunhão eucarística, com as hóstias que foram consagradas na missa da noite anterior, gesto que também expressa a participação dos fiéis na morte salvadora de Cristo.

Ainda na Sexta-feira Santa é realizada a Via-sacra ou “Via-crucis”, uma tradição que ajuda a meditar, por meio das 14 estações, o caminho doloroso que Jesus percorreu até ser crucificado e morto no Monte Calvário.

‘Cristo ontem e hoje, Princípio e Fim, Alfa e Ômega’

VIGÍLIA PASCAL

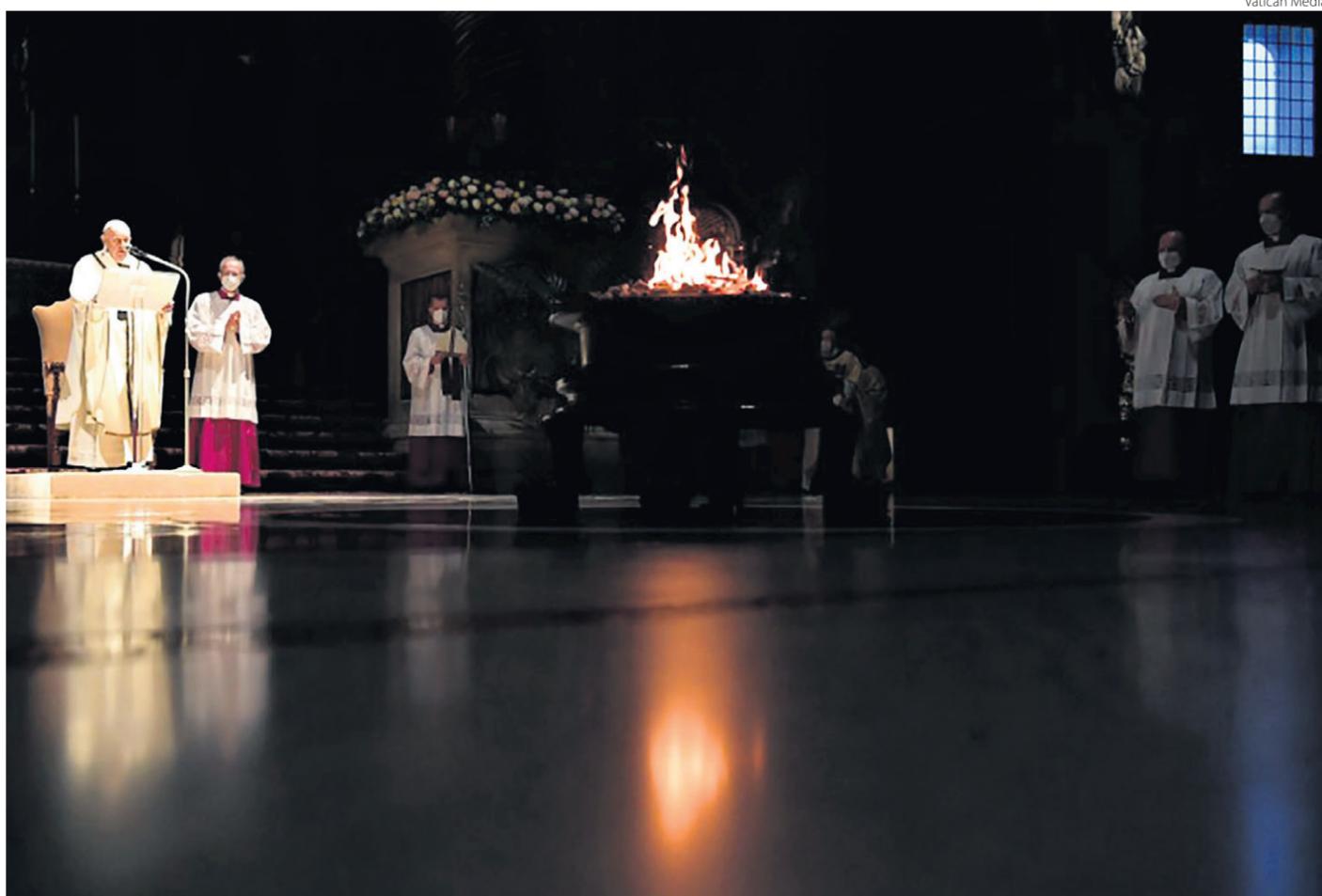
A manhã e a tarde do Sábado Santo são marcadas pelo silêncio e contemplação de Jesus morto e sepultado.

Esse silêncio só é interrompido à noite, com a celebração da solene Vigília Pascal, que anuncia a Ressurreição de Jesus Cristo.

“No seu plano de salvação, Deus dispôs que o seu Filho não só ‘morresse pelos nossos pecados’ (1 Cor 15,3), mas também ‘saboreasse a morte’, isto é, conhecesse o estado de morte, o estado de separação entre a sua alma e o seu corpo, durante o tempo compreendido entre o momento em que expirou na cruz e o momento em que ressuscitou. Este estado de Cristo morto é o mistério do sepulcro e da descida à mansão dos mortos. É o mistério do Sábado Santo, em que Cristo, depositado no túmulo, manifesta o repouso sabático de Deus depois da realização da salvação dos homens, que pacifica todo o universo” (CIC 624).

Essa que é considerada a mãe de todas as vigílias começa com o **Lucernário, que compreende a bênção do fogo novo e do Círio Pascal:** inicialmente, quem preside a vigília grava a cruz no Círio; depois o ornamenta com as letras gregas Alfa e Ômega – ‘Cristo ontem e hoje, Princípio e Fim, Alfa e Ômega. Dele é o tempo e a eternidade. A Ele a glória e o poder. Pelos séculos dos séculos’ –; e com os cinco cravos, que simbolizam as chagas de Cristo na cruz. O Círio, então, é aceso (simbolizando o Cristo ressuscitado, a Luz do mundo) e a partir dele são acessas as velas dos fiéis. Em procissão, todos adentram o templo – que está com as luzes apagadas – tendo à frente o Círio Pascal, a luz que guia em meio às trevas e que indica o caminho à terra prometida.

Com todos em pé e com as velas ainda acessas, o presidente da celebração incensa o Círio Pascal e, então, há



Vatican Media

a proclamação da Páscoa, com o canto *Exulte*, que anuncia a alegria pela vitória de Cristo sobre as trevas.

Na sequência, a Liturgia da Palavra perpassa toda a história da salvação, mostrando como outrora Deus salvou o seu povo e agora envia seu Filho como o Redentor da humanidade. Ocorre quase que como um diálogo: Deus se dirige ao povo por meio das leituras (sete ao todo) e este lhe responde com salmos e orações. Antes da passagem

Esse momento da liturgia compreende a Ladainha de todos os santos (pela qual a Igreja peregrina sobre a terra se une à Jerusalém celeste), a bênção da água e sua aspersão na assembleia de fiéis, a administração dos sacramentos do Batismo e da

ao Novo Testamento – com duas leituras, uma delas extraída das cartas de Paulo e outra a proclamação do Evangelho –, é entoado o canto do Glória e todas as luzes do templo se acendem, em sinal de que Deus iluminou esta noite santa com a glória da Ressurreição do Senhor e faz despertar na Igreja o espírito filial para que todos, inteiramente renovados, possam servi-lo de todo o coração.

Antes da proclamação do Evangelho da Ressurreição, é entoado

Confirmação aos catecúmenos que se preparam para tal; e a renovação das promessas batismais – “Renovemos as promessas do nosso Batismo, pelas quais já renunciamos a satanás e suas obras, e prometemos servir a Deus na Santa Igreja Católica”.

solenemente o Aleluia, aclamação omitida durante toda a Quaresma.

Também é parte desta celebração a **Liturgia Batismal** (foto abaixo). Estando a comunidade reunida para testemunhar a passagem de Cristo da morte para a vida, ela mesma renasce e terá vida nova por meio dos sacramentos: pelo Batismo, será incorporada a Cristo em sua Páscoa; pela Crisma, receberá o Espírito Santo; pela Eucaristia, participará do memorial da Morte e Ressurreição do Senhor.

Por fim, ocorre a Liturgia Eucarística, o ápice da Noite Pascal e de toda a vida sacramental da Igreja, em que Cristo Ressuscitado nos faz participar do Seu Corpo e do Seu Sangue, como memorial de Sua Páscoa.



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Será que ignorais que todos nós, batizados em Jesus Cristo, é na sua morte que fomos batizados? Pelo Batismo na sua morte, fomos sepultados com Ele, para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós levemos uma vida nova. Pois, se fomos de certo modo identificados a Jesus Cristo por uma morte semelhante à sua, seremos semelhantes a Ele também pela Ressurreição (Rm 6,3-5).

Domingo de Páscoa

Considerada a data mais importante do calendário litúrgico católico, no Domingo de Páscoa se celebra a vitória da vida sobre a morte e o testemunho dos apóstolos de que o túmulo está vazio, pois o “Senhor verdadeiramente ressuscitou”.

“A Ressurreição de Jesus é a verdade culminante da nossa fé em Cristo, acreditada e vivida como verdade central pela primeira comunidade cristã, transmitida como fundamental pela Tradição, estabelecida pelos documentos do Novo Testamento, pregada como parte essencial do mistério pascal, ao mesmo tempo que a cruz: ‘Cristo ressuscitou dos mortos. Pela Sua morte vence a morte, e aos mortos deu a vida’ (Liturgia Bizantina, Tropário de Páscoa)” (CIC 638).

Assim, depois de morrer crucificado, ser sepultado e descer à mansão dos mortos, Cristo ressuscitou, seu espírito e seu corpo foram reunificados. “A fé na Ressurreição tem por objeto um acontecimento, ao mesmo tempo historicamente testemunhado pelos discípulos (que realmente encontraram o Ressuscitado) e misteriosamente transcendente, como entrada da humanidade de Cristo na glória de Deus” (CIC 656).

Na missa da Páscoa da Ressurreição do Senhor também é realizada a bênção da água e a aspersão sobre os fiéis, na qual a comunidade reunida bendiz a Deus por tudo o que fez por meio da água ao longo da História da



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Salvação, implorando-Lhe que, hoje, também esse sinal atualize o Espírito de vida sobre os batizados: “Que esta água seja para nós uma recordação do nosso Batismo e nos faça participar da alegria dos que foram batizados na Páscoa”.

Antes da proclamação do Evangelho é entoada a Sequência Pascal, que estruturada como um hino tem

a seguinte introdução:

*Cantai, cristãos, afinal/
Salve, ó vítima pascal/
Cordeiro inocente, o Cristo/
Abriu-nos do Pai o aprisco/
Por toda ovelha, imolado/
Do mundo lava o pecado/
Duelam forte e mais forte/
É a vida que vence a morte;*

Há, ainda, como que um diálogo entre os apóstolos e Maria Madalena, que vira o túmulo vazio: *Responde, pois, ó Maria/
No caminho, o que havia?
Alegremente, o canto é concluído:
O Cristo que leva aos céus
Caminha à frente dos seus
Ressuscitou de verdade
Ó Cristo Rei, piedade.*



Arte: Sergio Ricciuto Conte

Vós sabeis o que aconteceu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do batismo pregado por João: como Jesus de Nazaré foi ungido por Deus com o Espírito Santo e com poder. Ele andou por toda a parte, fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo demônio; porque Deus estava com Ele. E nós somos testemunhas de tudo o que Jesus fez na terra dos judeus e em Jerusalém. Eles o mataram, pregando-o numa cruz. Mas Deus o ressuscitou no terceiro dia, concedendo-lhe manifestar-se não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus havia escolhido: a nós, que comemos e bebemos com Jesus, depois que ressuscitou dos mortos. (At 10,37-41)

(Fontes: Missal Romano, Pontifical Romano, Catecismo da Igreja Católica, folheto **O Povo de Deus em São Paulo** e CNBB)

COMO É DEFINIDA A DATA DA PÁSCOA?

A comemoração da Páscoa cristã não acontece em uma data fixa. Isso se deve ao fato de esta celebração estar associada à tradição judaico-cristã. Como os textos bíblicos afirmam, Jesus morreu em uma sexta-feira antes da Páscoa judaica (*Pessah*, na língua hebraica), que segundo o calendário próprio, baseado nos ciclos lunares, acontece sempre na primeira lua cheia após o equinócio da primavera no Hemisfério Norte. O equinócio é um fenômeno natural relacionado à posição do sol em relação à ter-

ra, que faz com que o dia e a noite durem exatamente o mesmo tempo. Como a Ressurreição de Jesus é celebrada no domingo, a Páscoa cristã acontece, portanto, sempre no primeiro domingo após a primeira lua cheia depois do equinócio da primavera no Hemisfério Norte (equinócio de outono no Hemisfério Sul).

Dessa forma, a comemoração para os cristãos não é fixa e a cada ano ocorre em uma data diferente, entre 22 de março e 25 de abril. Em 2024, o Domingo de Páscoa será em 31 de março.

O Cristo crucificado na arte de Cláudio Pastro

Hilda Souto*

Márcio Luiz Fernandes**

As obras sacras de Cláudio Pastro nos mostram sua força educativa e espiritual, ajudando-nos a penetrar no mistério pascal por meio da contemplação do Cristo crucificado.

Cláudio Pastro (1948-2016), artista sacro responsável pelo projeto iconográfico interno do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, buscou resgatar as fontes da arte cristã primitiva em sua trajetória artística, impulsionado pelas decisões do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965).

Os trabalhos desta grande Assembleia eclesial foram iniciados justamente com o tema da liturgia que conforme afirma Joseph Ratzinger (*Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. Brasília: Edições CNBB, 2019) “colocava inequivocamente no centro a primazia de Deus

(...) antes de tudo Deus e se diz isso iniciando-se com a liturgia”. A Sagrada Escritura foi redescoberta e deveria questionar e plasmar a vida do cristão e da comunidade.

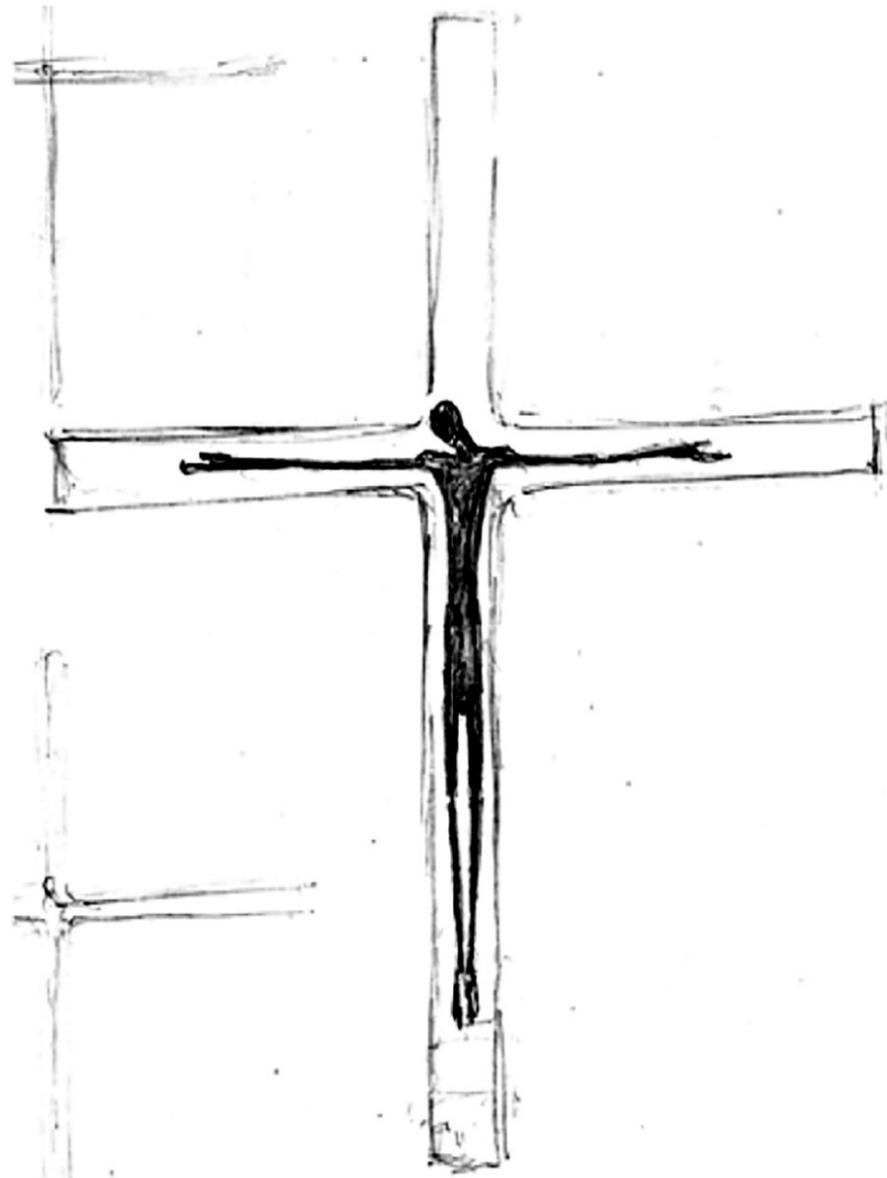
A arte que brotou dessa abertura da Igreja foi essencialmente uma arte mistagógica, ou seja, aquela capaz de favorecer o encontro com o Mistério e conduzir o fiel para o centro da fé cristã, que é a Páscoa. Para Pastro, esta realidade representava a necessidade de propor uma imagem pascal de Cristo, na totalidade do seu mistério, como pode ser observado pela análise de duas obras suas, uma do ano de 1975 e a outra, um desenho a lápis grafite, sem data (ao lado).

Cristo orante na cruz. No princípio de sua carreira, Cláudio Pastro adotou figuras com olhos bem abertos, inclusive para o Cristo crucificado. Ele parece vivo! O crucificado está em uma atitude orante e quase despido, lembrando o baixo relevo da porta em madeira da Basílica de Santa Sabina, em Roma, do século V.

O conjunto das três figuras preenche o espaço. O quadrado é, por excelência, o símbolo do que é terreno, como os quatro pontos cardeais. A cena é o limiar de transição entre a vida terrena de Jesus e a consumação de sua morte. Os pés e as mãos representam a carne que Cristo assumiu. O Cristo no centro aponta para as figuras laterais: Maria, sua mãe, e o discípulo João. Ele, o crucificado, diz para sua mãe: “Mulher, eis aí o teu filho”. Depois, diz ao discípulo: “Eis aí a tua Mãe” (cf. Jo 19, 26-27). As mãos de Maria e João, espalmadas, consentem a entrega e a filiação. O centro da imagem coincide com o ventre da figura principal, que é o Cristo. Sua cruz é símbolo que une e gera.



Tudo está consumado! (Jo 19, 30). Reprodução a partir de originais em couro no formato de cartões postais, 1975. Fonte: Hilda Souto.



Desenho a lápis grafite em papel sulfite, sem data. Fonte: Acervo Mosteiro Nossa Senhora da Paz

Cristo entregue, esvaziado de si. Este desenho a lápis de grafite de Pastro difere do que o artista realizou em sua obra pública. O que se vê é uma figura preenchida por insistentes traços pretos. A ausência de detalhes não traz o vigor dos olhos, pés e mãos da figura anterior. Nota-se uma preocupação com o desenho do corpo, livre da anatomia, mas na materialização da carne e de um sofrimento aceito. É um Deus feito homem. Os braços estendidos na horizontal formam uma exata cruz com relação ao restante do corpo, e a cabeça, inclinada, não o declara morto. Parece ainda vivo e está sereno. A cruz é levemente sugerida, mas o que choca é o corpo nu, representado com essencialidade. Segundo J. Plazaola (*Historia y sentido del arte Cristiano*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996), o artista se entrega a um momento de “oração figurativa” em vez de catequese ou exposição doutrinária. O branco do papel realça o “emudecimento do Logos como uma autodeclaração que devemos entender como a humildade do seu rebaixamento” (Balthazar, H. U. *Teología de los tres dias: el misterio pascual*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2000). Não é um Cristo sofredor, mas um Cristo entregue, uma figura completamente esvaziada de si, evidenciada por sua configuração esquelética. Cirilo de Jerusalém compara o despojamento das vestes dos catecúmenos à nudez de Cristo na cruz (São Cirilo de Jerusalém. *Catequeses Mistagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020).

A theologia gloriae e a theologia crucis. Balthazar (op. cit.), em seu comentário sobre a doutrina da *kénosis*, afirma que, com seu rebaixamento, Deus não deixa de lado sua divindade, mas a confirma porque, diferentemente dos outros deuses, Ele mesmo se rebaixou. Em seu Filho, feito homem, não há nenhum limite ou perda de sua condição divina, porque seu rebaixamento obediente até a morte na cruz é idêntico à sua exaltação na condição de *Kyrios*. Portanto, conclui Balthazar, a *theologia crucis* não teria sentido sem a *theologia gloriae* e, em sentido inverso, a *theologia gloriae* não subsiste com uma *theologia crucis* abstrata.

Para Pastro, cuja obra se vincula ao mistério da encarnação, morte e ressurreição de Jesus, é o rebaixar-se de Deus que nos faz à sua imagem e semelhança. Ele só poderia nos salvar sendo um de nós. Jesus Cristo, entre-

gue à sua nudez, é o homem livre de amarras, ao contrário de Adão, que estava nu e precisou se cobrir diante d'Aquele que o havia criado. Cristo é o Novo Adão. Nesse sentido, Pastro revela com seus traços essenciais o Cristo nu como símbolo do verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Nas suas palavras: “O madeiro da cruz é a árvore da vida que Cristo nos conquistou reabrindo o Paraíso”.

* Artista plástica, doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

** Professor adjunto no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-PR e da Faculdade Claretiana *Studium Theologicum* de Curitiba (PR).

Esse artigo é baseado em SOUTO, H. & FERNANDES, M. I. A imagem do Cristo crucificado na arte de Cláudio Pastro: uma investigação a partir do acervo pessoal do artista. *Cuestiones Teológicas*, 50(114): 1-19, 2023.

Agradecemos ao Mosteiro Nossa Senhora da Paz, que permitiu o uso da imagem de seu acervo exibida neste texto.

A vida é um caminho pascal

Dom Emanuele Bargellini*

A Páscoa é ponto de chegada de um longo caminho de preparação e de espera, início de um itinerário no seguimento de Cristo que durará a vida inteira, de conversão em conversão a Ele. “Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Esta vida na carne vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2, 19-20). “Ó Deus, por vosso filho unigênito vencedor da morte, abristes hoje para nós as portas da eternidade. Concedei que, celebrando a Ressurreição do Senhor, renovados pelo vosso Espírito, ressuscitemos na luz da vida nova” (Oração do dia de Páscoa).

A vida do batizado em Cristo é um processo de morte e ressurreição que tem, no próprio ressuscitado e na celebração memorial do evento pascal, seu início e nascente, no inesgotável dinamismo de uma existência sempre nova, na medida em que se abre à ação do Espírito.

O itinerário da pessoa a caminho evoca um movimento espiritual para frente que se realiza somente enquanto somos impulsionados pelo Espírito Santo: “Todos os que são movidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus” (Rm 8, 14-17), isto é, passaram da escravidão à liberdade de filhos(as); do agir por obrigação e medo, ao agir por amor.

Todos os aspectos da vida de quem se deixa guiar pelo Espírito constituem a *vida espiritual*: trabalho, descanso, atividade profissional, vida familiar, atividade econômica e política, dores e alegrias etc., se vivenciados sob a ação e os critérios do Espírito e do Evangelho. Assim, todas as nossas atividades formam a nossa vida espiritual, não apenas a oração, a liturgia etc. [...] É um caminho com etapas e passagens sucessivas, que precisa de repetidas “páscoas”, aceitando morrer com Cristo a tudo o que nos impede de progredir no conformar-se a Ele, morrer ao “homem velho”, para crescer na livre obediência ao seu Espírito (cf. Rm 8, 18-25: com a criação sofremos os gemidos do parto... na perseverança).

A experiência espiritual é experiência de vida que se identifica progressivamente com a vida de Jesus.

Pelo Batismo, nos foi doada a sua mesma vida de filho, de liberdade e de amor. Usando a linguagem simbólica de Paulo, nós fomos “enxertados” em Cristo, que é a “oliveira santa”, recebendo a sua mesma seiva vital (cf. Rm 11, 17-24); fomos “transplantados” Nele, como órgãos vivos do seu próprio corpo (cf. 1Cor 12, 12-13). Ser cristãos não é simplesmente seguir os ensinamentos de Jesus, sua doutrina, mas partilhar, por graça, da sua própria vida divina, viver uma constante relação

A Páscoa não é apenas uma festa celebrada em um momento do ano. É a celebração de um caminho que fazemos ao longo de toda a nossa vida cristã, à medida que nos conformamos cada vez mais ao plano de amor que Deus tem para nós.



Discípulos de Emaús, foto de Jim Forest, Flickr

vital com Ele! A experiência da Páscoa de Jesus com o Batismo funda uma “ética da relação” pessoal com Ele, não simplesmente uma “ética dos deveres”. Os comportamentos, aí, nascem da relação pessoal.

Temos toda a responsabilidade para que o nosso solo ofereça condições favoráveis para o crescimento da semente. O divino semeador é generoso para com todos, mas a sorte da semente depende muito das condições que o terreno apresenta (cf. Mt 13, 18-23). O mistério do pecado está presente em nós, junto com o mistério da graça, do perdão e da conversão [...]

Um caminho que conhece provocações e crises e exige discernimento espiritual. Mortos ao pecado com Cristo e renascidos à vida no Espírito, estamos, já, com um pé nos céus (cf. Ef 2, 6), capacitados a viver na terra como “ressuscitados em Cristo” (cf. Cl 3, 1-3). Este caminho conhece ainda, como seu elemento constitutivo e inevitável, limites e passagens por meio de provas e crises. Vivemos o dom do reino de Deus na dinâmica da história, pessoal e comunitária.

Limites, provas e crises não impedem o caminho; na misteriosa

pedagogia de Deus, têm uma função positiva: descobrimos a nossa fragilidade. “Quando sou fraco, então sou forte!” (2Cor 12, 10). E nos abrem à ação gratuita de Deus: “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou-nos seu filho como vítima de expiação pelos nossos pecados” (1Jo 4, 10).

Tomamos consciência de que o primeiro protagonista e garantidor da nossa vida espiritual, não somos nós, mas o Senhor. A experiência do limite e do pecado, na perspectiva cristã, não gera sentido de culpa, que oprime, mas a humildade que confia na misericórdia e abre ao perdão do Pai que não se cansa jamais de perdoar (cf. Mt 18, 21-22) [...]

Precisamos da sabedoria do Espírito que é: “A graça de poder ver cada coisa com os olhos de Deus. É simplesmente isso: é ver o mundo, ver as situações, as conjunturas, os problemas, tudo, com os olhos de Deus. Isso deriva da intimidade com Deus, da relação íntima que nós temos com Deus, da relação de filhos com o Pai. E o Espírito Santo, quando nós temos essa relação, nos dá o dom da sabedoria. Quando estamos em comunhão com o Senhor, é como se o Espírito Santo transfigu-

rasse o nosso coração” (Papa Francisco, Homilia, 9 de abril de 2014).

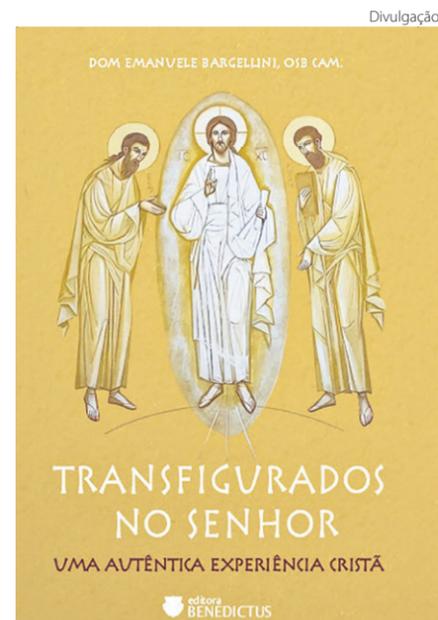
[...] Para Cassiano (importante monge do século V, verdadeira ponte da espiritualidade entre o Oriente e o Ocidente), o fim e a meta da vida do monge são a sua progressiva identificação com o reino de Deus, a vida no Espírito. Mas a condição para chegar a esta meta é a pureza do coração, que coincide com a caridade, com o amor. Para sustentar este processo de purificação do coração e libertar a caridade em todas as suas potencialidades, é de ajuda a ascese do corpo e a simplificação da mente, que são condições para colocar o Senhor no centro da própria vida. Discernir é seguir o que vem do Espírito e deixar cair o que vem do espírito do maligno e do “homem velho”, como diz Paulo. Para exercitar, com sabedoria, o justo discernimento, é importante viver em comunhão com a Igreja, que é comunidade de fé, em que cada um recebe ajuda e luz e também as compartilha.

Um caminho que nos conduz à inefável experiência da ‘divinização’

Se o caminho espiritual é marcado por provações e tentações, sua meta é exaltante, e vai além de toda expectativa humana. É fruto de pura graça: é a “divinização” da pessoa humana, como exprimem os pais do monaquismo do Oriente, a partilha sempre mais profunda da própria vida de Deus! Uma ousadia que o próprio Senhor fundamentou com a sua “condescendência” e o seu “rebaixamento”. “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10).

* Monge camaldolense, falecido em 2023, foi Prior-geral da Ordem (1987-2005) e Prior do Mosteiro da Transfiguração, em Mogi das Cruzes (SP).

** Este texto é parte do livro *Transfigurados no Senhor* (Rio de Janeiro: Editora Benedictus, 2024).



BARGELLINI, Emanuele. *Transfigurados no Senhor*. Organizadores: Ana Lydia Sawaya, Tâmara C.A. Rissoni, Vanderlei de Lima. Rio de Janeiro: Editora Benedictus, 2024.

A festa pascal da misericórdia

Marcelo Cypriano Motta*

Aparentemente muito diferentes entre si, São João Paulo II e o Papa Francisco compartilham da mesma convicção da posição central da misericórdia na vida cristã. O primeiro, baseando-se na santa polonesa Faustina Kowalska, instituiu a celebração da Divina Misericórdia, no domingo logo posterior ao da Páscoa. O segundo, para o qual “o nome de Deus é misericórdia”, proclamou o Jubileu da Misericórdia, em 2015.

Deus depositou na criação um fundamento e leis estáveis nos quais podemos nos apoiar com confiança em resposta ao sinal da Sua fidelidade. A criação está em função do culto e da adoração de Deus, visto que o culto está inscrito na ordem da criação (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, CIC 346-347): “Deus disse: ‘Que haja luzeiros no firmamento do céu para separar o dia e a noite; que eles sirvam de sinais, tanto para as festas [tempos ou estações/festas] quanto para os dias e os anos’” (Gn 1,14). Trata-se do “fundamento” do tempo litúrgico (cf. CIC 1163): “A Santa Mãe Igreja julga seu dever celebrar em certos dias fixos no decurso do ano [...] Em cada semana, no dia em que ela chamou Domingo, comemora a Ressurreição do Senhor, celebrando-a uma vez também, na solenidade máxima da Páscoa” (*Sacrosanctum Concilium*, SC 102). O Domingo é, assim, um “dia de festa primordial” (SC 106).

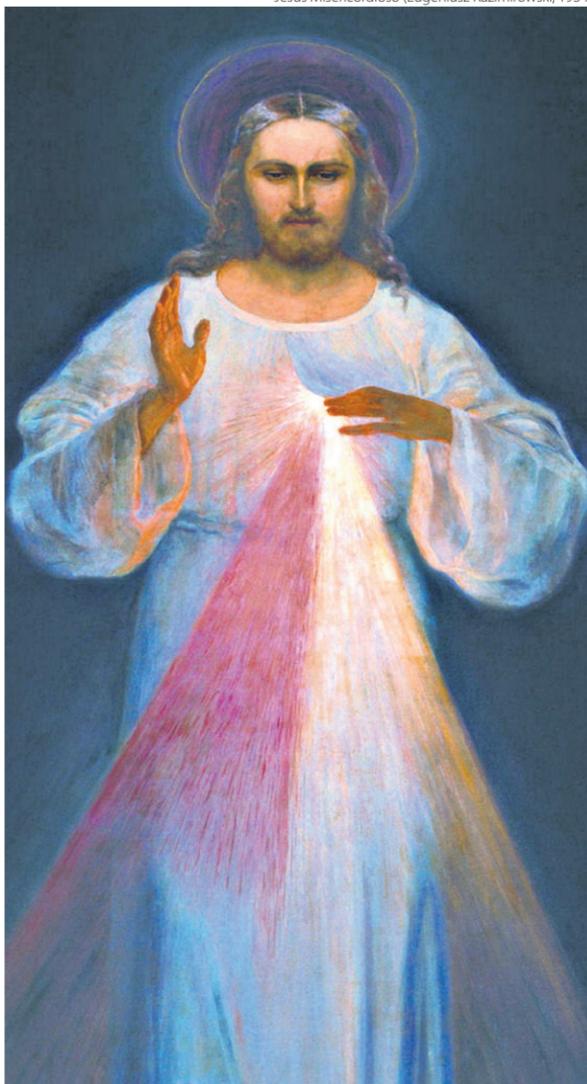
O primado de Deus, primado da adoração, indica a ordem correta das preocupações humanas (CIC 347); nesse sentido, aprender, em primeiro lugar, o modo justo da glorificação de Deus – a ortodoxia – é o grande dom da fé cristã (cf. Joseph Ratzinger, prefácio às *Obras Completas*, vol. XI). No prolongamento do Dia da Ressurreição, a festa do Domingo da Divina Misericórdia visa a exaltar/glorificar essa misericórdia na celebração do Mistério Pascal, com um sentido escatológico. A Festa da Misericórdia goza de uma centralidade na economia sacramental, assim como é central na economia da salvação o Desígnio eterno de misericórdia de recapitular todas as coisas em Cristo (cf. Ef 1,9-10; *Gaudium et spes*, GS 45). Uma “cultura da misericórdia” pode realizar tal desígnio na história, pois se trata da inculturação/recapitulação, em que a Igreja manifesta e opera o mistério da misericórdia divina para o retorno à unidade sob Cristo Cabeça. Uma ordem justa no mundo depende, antes de tudo, de um “culto justo”, da ortodoxia. A isso se “ordena” a recepção e o crescimento da Festa da Misericórdia.

Tempo de celebração e festa. Em Ratzinger se leem estas profundas considerações (*A festa da fé*, 1981): se a estrutura básica objetiva da liturgia se define com o termo “festa”, quanto ao seu conteúdo é festa da Ressurreição do Senhor, daí decorrendo o “primado da adoração” e o caráter objetivo da autorização para a alegria, e isso significa que a autorização à alegria se situa na adoração. E se com “festa da Ressurreição” se define o significado central da festa cristã, a adoração é o núcleo que a configura: nela se vence a morte e se faz possível o amor. A adoração é a verdade.

A partir do domingo da Ressurreição, “o Dia que o Senhor fez” se prolonga por uma semana inteira e se renova numa semana de semanas (Tempo Pascal). A Oitava da Páscoa são os oito primeiros dias entre o domingo da Ressurreição e o 2º domingo da Páscoa. Na terceira edição típica do Missal Romano (trad. CNBB) consta o nome

A misericórdia não é uma condescendência arrogante e pretensiosa com que poderosos e autoproclamados justos humilham os demais. A misericórdia é o amor que acolhe e se doa, inclusive quando não somos merecedores deste amor. Ela nos cobre com sua ternura, nos encoraja a sermos melhores, mas não nos condena por nossas falhas. Todos ansiamos pela misericórdia, mesmo quando não a conhecemos e a consideramos impossível. A Páscoa é a celebração do grande gesto no qual a misericórdia se torna palpável e visível, espetáculo de sacrifício e esperança para essa humanidade sofrida da qual fazemos parte todos nós.

Jesus Misericordioso (Eugeniusz Kazimirowski, 1934)



Segundo Domingo da Páscoa “ou Domingo da Divina Misericórdia”, no qual a conjunção “ou” (*vel*, na edição latina) tem valor de equivalência e inclusão. Desse modo, de acordo com o princípio evangélico *nova et vetera*, “a Igreja, conservando ‘o que é antigo’, isto é, o depósito da tradição, cumpre também o seu dever de julgar e de prudentemente assumir ‘o que é novo’” (cf. Mt 13,52)” (*Instrução Geral sobre o Missal Romano*, 15).

Desde a celebração da Páscoa, nosso tempo é transfigurado pela liturgia e se torna “tempo sacramental”, penetrado pelo Dia da Ressurreição. É o mistério do oitavo dia, uma “imagem da eternidade” (cf. *Dies Domini*, DD 26), que fundamenta a noção de Oitava Pascal: “Para nós nasceu um dia novo: o dia da Ressurreição de Cristo. O sétimo dia encerra a primeira criação. O oitavo dia dá início à nova criação” (CIC 349). A Oitava da Páscoa é o tempo propriamente sacramental: a semana que se segue ao dia da Ressurreição não é uma semana cronológica, e sim a extensão deste “dia que não conhece ocaso” (liturgia bizantina), convertendo-se no protótipo, na matriz mesma, de todas as semanas do ano litúrgico. É o Dia cantado pelo Salmo pascal (118/117), o “Dia que o Senhor fez” (v. 24), porque “eterna é a sua Misericórdia” (v. 1) (cf. Jean Corbon, *Liturgia de Fonte*, cap. XIII).

“Este ‘hoje’ do Deus vivo em que o homem é chamado a entrar é ‘a hora’ da Páscoa de Jesus que atravessa e leva toda a história: ‘Para nós que cremos em Cristo, instaura-se um dia de luz, longo, eterno, que não se apaga: a Páscoa mística’” (CIC 1165). Aqui entramos no núcleo mesmo da verdadeira iniciação cristã e da catequese mistagógica na Oitava da Páscoa – entramos na Adoração, no mistério do oitavo dia. Sem tal iniciação, não ganham sentido estas sentenças: “O cristão perfeito vive sempre no dia do Senhor, celebra sempre o domingo” (Orígenes); “Toda semana da sua vida, o cristão vive a única Páscoa, fazendo este tempo luminoso” (São Gregório de Nissa). É um tempo “místico-sacramental”, a ser vivido, doravante, segundo a “mística pascal da misericórdia”.

A plenitude do amor na misericórdia. Mas retornemos ao poema litúrgico da criação, na abertura do Gênesis, com Santo Ambrósio de Milão, conforme as célebres linhas finais do seu *Hexaemeron* (relato dos seis dias da criação), em que Deus, ao concluir a obra do mundo na perfeição do homem, descansou no sétimo dia: “Fez o homem e descansou – diz Ambrósio –, porque tinha alguém a quem perdoar os pecados [...] talvez já estivesse então prefigurado o mistério da futura paixão do Senhor”. É que Deus, sendo misericórdia, encontrou sua perfeita satisfação na morte redentora de Cristo.

Em Santa Faustina Kowalska, no contexto da última Ceia, encontramos uma declaração de valor semelhante: “No momento da consagração, o amor descansou saciado, o sacrifício fora consumado na sua plenitude” (*Diário*, 684). O mistério da Cruz, inseparável do dia da Ressurreição, também fez plasmar a expressão “*Felix culpa*” cantada pela Igreja na Vigília Pascal (cf. *Exsultet*: CIC 412) – é uma paráfrase de um texto de Santo Ambrósio, que revela certa positividade do pecado na economia da salvação e, por isso mesmo, a própria essência do mistério da misericórdia.

A partir da noção primordial de “festa”, a teologia da festa cristã torna-se um caminho privilegiado para viver a “festa pascal da misericórdia” como adoração, liberdade e alegria no “Dia” em que nos voltamos com confiança e esperança para a infinita misericórdia de Deus, que jorra no Espírito Santo (Espírito, água e sangue), desde a fonte do mistério pascal da cruz e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. A festa se transforma aqui em “memorial” da contínua irrupção da Divina Misericórdia na história, que tende para a plena realização escatológica. Ademais, “Festa da Misericórdia” transcende o quadro da assembleia litúrgica, prolonga-se na oração e nas assembleias extraliturógicas, nos “piedosos exercícios”, que podem atingir altíssima expressão e constituir um patrimônio cultural... (cf. *Dicionário de Liturgia*, D. Sartore e A. Triacca, “Festa/Festas”).

* Advogado, contemplado com a Medalha “São Paulo Apóstolo” 2018, atua na “Promoção da Cultura da Misericórdia” no Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP.